

FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR¹

Luíza Nunes Marques²

Marta Estela Borgmann³

A formação do professor alfabetizador é um tema que surge e é questionado a partir das experiências vivenciadas na prática em uma escola pública estadual de ensino fundamental, a partir de um subprojeto do projeto de extensão Escola, Currículo, Conhecimento: práticas pedagógicas integradas e integradoras, a fim de desenvolver ações voltadas para a alfabetização. Observamos a dificuldade encontrada por professores em alfabetizar as crianças no período que se destina ao ciclo de alfabetização, visto que a turma do 3º ano dos Anos Iniciais, que até então é o último ano do ciclo de alfabetização, apresentava um número significativo de crianças ainda não alfabetizadas. Atualmente, se o professor tem em seu currículo a formação no ensino médio - modalidade normal e posteriormente a graduação em qualquer que seja a licenciatura poderá assumir uma turma deste ciclo.

Desta forma, buscaremos refletir sobre a aprendizagem da leitura e da escrita a partir da contribuição da formação inicial e continuada do professor alfabetizador quanto à aquisição de uma base de conhecimentos para sua prática, bem como a concepção de alfabetização que a permeia. A prática docente de um professor alfabetizador é, sem dúvida, uma prática complexa, que demanda uma gama variada de saberes para o desenvolvimento da profissão. Entendemos que ela é permeada pela aquisição de conhecimentos adquiridos em seu curso de formação inicial mobilizando habilidades e competências para o exercício do ensino da leitura, da escrita, do cálculo e de outras linguagens de seus educandos e de uma formação continuada que propicia a atualização de conhecimentos importantes para o desenvolvimento de suas tarefas.

O contexto se desenvolve em uma escola Estadual que oferece Ensino Fundamental completo. A análise recai particularmente em uma turma de terceiro ano dos anos iniciais que se mostra como preocupação da coordenação pedagógica por apresentar um número considerável de alunos que não estão ainda alfabetizados. Com isso, a metodologia utilizada para construir o caminho de reflexão se fez através de observações participadas, intervenções

¹ Relato de experiência desenvolvido no subprojeto do projeto de Extensão Escola, Currículo, Conhecimento: práticas pedagógicas integradas e integradoras da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

² Bolsista PIBEX e acadêmica do curso de Pedagogia da UNIJUÍ – luiza.n.m@hotmail.com

³ Professora orientadora do projeto e do curso de Pedagogia da UNIJUÍ – martabor@unijui.edu.br

com alunos de forma individual e no grupo, bem como conversas informais com a professora da turma. Assim, foi possível refletir sobre as práticas pedagógicas e as experiências do professor, que através de suas ações possibilitou compreender o contexto e perceber a necessidade de uma formação específica para o alfabetizador.

Falar sobre o papel do professor parece redundante assim como a importância deste na sociedade. Todos sabem que são indiscutíveis tais prerrogativas, tanto para o ensino da leitura, da escrita como para o conhecimento sistematicamente organizado. Não importa o seu objeto de ensino, o professor é quem organiza um determinado conhecimento e se dispõe de certa maneira em propiciar boas condições para que a aprendizagem ocorra. Precisam ser e estar cada vez mais preparados para acompanhar as inúmeras transformações da sociedade contemporânea, bem como os desafios encontrados no contexto escolar emergentes desse mundo moderno.

Os programas atuais de formação inicial e continuada de professores têm demonstrado novas abordagens e novas concepções sobre o processo de ensinar a ler e escrever, não mais pautados em métodos, mas principalmente pautados numa concepção de infância e de aprendizagem que permite dialogar com a criança como protagonista do processo.

Partindo desse pressuposto, temos a clareza de que as noções de infância perpassam os tempos históricos e sociais em que estamos inseridos, assim, observa-se que não existe infância homogênea, o que existem são as diversas infâncias, diferentes crianças com processos diferenciados de ser e estar no mundo, ou seja, de acordo com seu contexto de vida e com as formas de organização da sociedade. Assim, desde a infância, a criança pode e até deve ter contato com o mundo letrado, por isso muitas vezes percebemos casos em que a criança já adentra a escola sendo letrada, pois já está imersa nesse mundo social em que a leitura e a escrita estão incluídas, ouve histórias, reconhece imagens e códigos associando aos sons.

Contudo, Cagliari (1998) afirma que a alfabetização é o momento mais importante da formação escolar e enfatiza a necessidade de o professor alfabetizador estar preparado para este processo. Nesse ponto que queremos chegar, oportunizando a reflexão acerca do papel do professor alfabetizador e qual formação mais apropriada para este?

Constantemente, temos refletido sobre a metodologia utilizada pelo professor alfabetizador e sobre sua formação no que concerne à escolha destes ou daqueles métodos de ensino considerando as particularidades das crianças ali inseridas e seus tempos de aprendizagem. Nesse sentido, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (BRASIL, 2017) destaca que o professor alfabetizador, além de trabalhar com os processos de

aprendizagem tem a função de auxiliar na formação para o exercício da cidadania não sendo apenas um reprodutor de métodos que objetivem apenas o domínio de um código linguístico.

As ações do projeto tiveram início no mês de março deste ano onde as indicações da turma e posterior observação iniciaram assim que as crianças e a professora criaram vínculo e confiança conosco. A participação efetiva em sala de aula iniciou mais intensamente quando a professora da turma solicitou auxílio em atividades pontuais com a turma. As atividades foram organizadas de forma a atender a demanda da escola, auxiliando na alfabetização.

Verificamos, então, que muitas crianças estavam com dificuldades na leitura, principalmente em fazê-la de forma fluente, outras em cálculos, mas de um total de 17 crianças, 6 não reconheciam palavras simples, algumas sílabas e muito menos faziam a leitura de frases. As crianças que apresentavam dificuldades começaram a ser atendidas individualmente em outro espaço, na sala de recursos onde também é realizado o atendimento educacional especializado com professora especializada para crianças com deficiência. Era uma sala que continha jogos, livros de literatura, almofadas, espelho e onde as atividades poderiam ser direcionadas ao atendimento dessas crianças, no individual ou em grupos.

Essas atividades foram realizadas duas vezes por semana e consistiam em trabalhar a leitura, escrita e cálculos de maneira lúdica, partindo do contexto das crianças, de seus conhecimentos prévios, de suas particularidades, assim, elas aprendiam brincando, com jogos de sílabas, de reconhecimento de palavras, sequência lógica, desenhos, entre outros. Nessa concepção, Santos (2014, p. 9) afirma que:

Diante disso vê-se a necessidade de levar para a sala de aula, estratégias lúdicas que favoreçam o ensino aprendizagem, principalmente nos três primeiros anos do ensino fundamental, uma vez que estes são considerados essenciais para a construção significativa do aprendizado da criança. Do ponto de vista didático, as brincadeiras e os jogos promovem situações em que as crianças aprendem conceitos, atitudes e desenvolvem habilidades diversas integrando aspectos cognitivos, sociais e físicos. As atividades lúdicas possibilitam que as crianças reelaborem criativamente sentimentos e conhecimentos e edifiquem novas possibilidades de interpretação e de representação do real, de acordo com as suas necessidades.

Inicialmente, para situarmos melhor, a turma contava com uma professora que não era Pedagoga, ou seja, sua formação em Matemática não foi direcionada para o letramento e alfabetização, a metodologia de trabalho e planejamento eram extremamente tradicionais, o que levava as crianças a se dispersarem facilmente e conseqüentemente, ao não aprendizado. Por questões relacionadas à saúde, houve troca de professora, a atual, possui Curso Normal (Magistério) e é graduada em Letras, mesmo não sendo Pedagogia apresenta certa proximidade ao campo de estudo e de formação, isso possibilitou aprendizagens sobre a língua portuguesa e a literatura, e desta forma logo percebemos as significativas mudanças na turma.

Ser alfabetizadora consiste em favorecer o processo de leitura e escrita às crianças, jovens e adultos, enquanto exercício consciente de possuir e manejar habilidades como talentos socialmente aprovados e aprováveis, compreender o que é leitura e escrita e utilizar esse objeto cultural para se expressar e se posicionar frente aos discursos de uma sociedade dos avanços tecnológicos, da velocidade do conhecimento e do multiculturalismo (PEREIRA, 2011, p. 80).

Dessa maneira, a formação continuada de um professor alfabetizador serve para refletir quais aspectos constituem sua prática docente buscando ser assim, transformadora e que aprimore os conhecimentos não só dos alunos, mas consequentemente da rede de ensino, buscando aliar teoria e prática com suas ações e reflexões, onde os saberes sejam pensados, refletidos, reformulados e também recriados, sendo um espaço plural de troca de saberes, assim como a sala de aula, buscando assim a melhoria de suas práticas educativas.

Consideramos que é necessário trabalhar com a afetividade, pois ao conhecer a realidade dessas crianças constatamos o quão importante é oportunizar um olhar e escuta sensível, oferecer atenção. No contexto, percebemos que a nova professora acolhia a todos com seu jeito de olhar cada um a partir de suas singularidades. As crianças sentiram-se completamente acolhidas a partir do olhar atento que essa professora deu a elas, em um curto período de tempo não foi mais necessário levar aquelas crianças para o atendimento individualizado, iniciamos a participar das aulas, com acompanhamento na sala de aula. Evidenciamos também a forma de como essa professora trabalhava, partindo de aulas mais dialogadas, dinâmicas, em que as crianças se sentiam autônomas, que compreendem o momento do brincar e o momento de se concentrar, pois se sentem instigadas a realizar as atividades propostas, pois estas são planejadas pela professora com ênfase nas crianças e nos processos de letramento e alfabetização, para que se desenvolvam integralmente e estejam de certa forma prontas ao término desse ciclo de alfabetização.

Reconhecemos que não se trata de métodos ou receitas mais apropriadas para ensinar a ler e a escrever, e sim observar cada criança na sua singularidade e a partir daí, elaborar situações de aprendizagem na qual elas se reconheçam. Conforme Soares (2017) para os alfabetizadores é necessário conhecer o caminho em direção a criança e para isso conhecer o seu curso, seus meandros, as dificuldades que se interpõem para orientar seus passos e os passos da criança.

Destacamos uma situação em especial de uma das crianças com dificuldade de aprendizagem que no início do projeto não sabia ler a palavra “QUEIJO” e quando questionada escrevia: “QEGO” sentia-se perdida, o choro era frequente, começamos a compreender seu contexto, a qual tinha uma família analfabeta e seu desejo de ler, escrever e mudar essa realidade era maior que os impasses que surgiam em seu caminho, porém com pouca atenção e tendo que

aprender de certa forma sozinha, ia se desestimulando e por isso o choro constante. Ao constatarmos o quanto a afetividade é condição fundamental para um professor alfabetizador, quando ela começou a ser atendida individualmente, a ser questionada, a ter oportunidades de falar, de ouvir, de compreender exatamente como se dá esse processo, logo começou a escrever QEIJO, a professora e nós mostrando as possibilidades, fazendo a mediação, ensinando que ela não estava errada, somente precisava mudar algumas letras e fazendo-a acreditar que era e é capaz de ler, de escrever, de aprender, que hoje está lendo qualquer palavra, frase ou livro que se propõe, está escrevendo textos quando solicitado pela professora e o melhor momento é a hora da leitura, em que retira o livro escolhido na biblioteca e viaja pelo mundo da imaginação, da leitura e da alfabetização, assim como a própria relatou: “— *Prof, o que eu mais gosto de fazer agora é ler e comer!*”.

Incrível e gratificante foi perceber a evolução das crianças, como o exemplo dessa menina, no momento que ela foi percebida e vista como única com um olhar atento e afetuoso tudo começou a melhorar, não presenciamos mais o choro e nem o receio de questionar, pois já tem o domínio do processo. O excerto a seguir, escreveu para sistematizar um projeto da turma onde se percebe nitidamente a sua evolução:

Nós estamos trabalhando alimentação e nós estamos trabalhando com a pirâmide e que remos sabre ce voce vaivim quere sabre o que nós estamos fasendo aqi na escola entao nós agradecemos por trazer neste momento a carta e sabinha que nós fomos la no mercado e nós passeamos e se voce estivesse la cerinha muito legau beijos ...

Situações como esta estão e devem ser fortemente discutidas e explicitadas aos demais professores, para que sirvam não somente de exemplo, mas de alerta para que reflitam sobre suas práticas na sala de aula e que da mesma forma sobre enxergar cada criança como um ser único que deve ser escutado e percebido na sua singularidade, incluindo aí as suas dificuldades no processo de alfabetização e letramento para que seus questionamentos sejam sanados e o processo se torne prazeroso e não tido como mecânico e fora do contexto, por isso

Independentemente de ampliar e redefinir a compreensão de alfabetização ou a inclusão de letramento no processo de aprender a ler e a escrever, o importante é que o debate esteja instaurado no interior da escola, que ultrapasse a fronteira do discurso e gere impactos nas práticas cotidianas... E isso é possível! Para isso faz-se necessário um olhar e um ouvir sensível e reflexivo sobre e com a criança, pois, se observarmos de forma reflexiva os modos como a criança interage sobre e com as “coisas do mundo”, entenderemos o modo como ela aprende e, à medida que compreendemos como ela aprende, saberemos como melhor ajudá-la a avançar (FEIL, 2015, p. 41).

Constatamos que alfabetizar vai além de ler e registrar autonomamente palavras e frases que não produzem sentido, mas que tem um caráter transformador, pois ao se apropriar da leitura e da escrita a criança insere-se no mundo letrado, podendo modificar sua realidade e o

seu contexto em que vive. Para isso, propomos a reflexão de que formar-se em Pedagogia para ser professora alfabetizadora, hoje, consiste uma necessidade urgente para compreensão da infância como espaço-tempo vivido pelas crianças como fundamentais para seu desenvolvimento integral. Dessa forma, o professor alfabetizador para além da compreensão do processo de leitura e escrita necessita conhecer profundamente as fases de desenvolvimento da criança e reconhecê-las como seres concretos que possuem conhecimentos prévios, que são seres sociais culturalmente constituídos, possuem valores, costumes e que necessitam de olhar e escuta atentos para que se sintam acolhidos e possam desenvolver-se com autonomia apropriando-se desses conhecimentos.

Assim, não basta somente possuir graduação para estar na escola como profissional, principalmente na Educação Infantil e Anos Iniciais, é imprescindível que o professor alfabetizador esteja em constante processo de ensino e aprendizagem, que tenha uma formação inicial voltada a compreensão da infância como um tempo de desenvolvimento integral do humano, que tenha uma formação continuada para além dos muros da escola ou da universidade, que compreenda que a sociedade evolui, as crianças evoluem e nós professores também precisamos nos adequar à essas demandas, de modo que compreendamos que não somos seres inacabados, mas que também fazemos parte desse processo, de aprender cada vez mais.

Palavras-chave: Formação de Professores; Ciclo de Alfabetização; Infância.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.** Documento Orientador, 2017. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/doc_orientador_versao_final_20170720.pdf> Acesso em: 27 de agosto de 2017.

CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetização sem o ba, bé, bi, bó, bu.** São Paulo: Scipione, 1998.

FEIL, Iselda. Alfabetização: um novo desafio para um novo tempo In: Seminário Internacional de Alfabetização. Alfabetização numa relação intercultural. Ijuí: UNIJUI, 2015.

PEREIRA, Cláudia Justus Tôrres. **A Formação do Professor Alfabetizador:** desafios e possibilidades na construção da prática docente. Dissertação - Mestrado em Educação – Universidade Federal de Rondônia, 2011.

SANTOS, Fernanda Cristina Ribeiro dos. **A ludicidade na alfabetização:** perspectivas e possibilidades de novas aprendizagens. 2014. 41f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

SOARES, Magda. **Alfabetização a questão dos métodos.** São Paulo: Contexto, 2017.